

## A LIBERDADE NA FALERÍSTICA

### UCRÂNIA EM GUERRA

A cerimónia de hoje, uma mais na melhor tradição desta Relação, convoca, na sua preparação, nas suas causas, nos seus conteúdos, cinco temáticas essenciais para o nosso viver coletivo que gostaria de partilhar convosco.

Não se assustem; bem sei é uma mão cheia, mas tentarei percorrê-las com brevidade; ademais o cinco representa, para a numerologia, o símbolo da liberdade.

A primeira reflexão tem a ver, desde logo, com a celebração, pletórica, entusiasmada, dos cinquenta anos do 25 de abril. Comemoramos, isso mesmo, a liberdade, o exercício pleno, soberano, de uma vivência democrática comum.

Fazemo-lo, aqui, neste dia, não ancorados no que aconteceu décadas atrás, mas procurando convocar Abril para os tempos difíceis de hoje.

Em “Por quem os sinos dobram”, Hemingway inspira-se numa reflexão de John Donne a que o autor chamou, precisamente, “Meditações em Tempos de Crise”; foram publicadas, imaginem, em 1624 mas não podiam ser mais atuais.

Deitado no seu quarto, gravemente doente, Donne ouvia os sinos da igreja, tocando a dobres quando alguém morria.

“Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; se um torrão é arrastado para o mar, a Europa fica diminuída; a morte de qualquer homem diminui-me porque eu faço parte da humanidade.

E por isso nunca perguntes por quem os sinos dobram; porque eles dobram por ti.”

Dizer liberdade, hoje, é demonstrar solidariedade por aqueles que a defendem e, por ela, sofrem e morrem.

É homenagear a Ucrânia e a resistência do seu povo, perante a agressão estrangeira.

Em cada ataque à liberdade, à democracia, à soberania legitimamente erguida, os sinos que anunciam a opressão, a tirania, os autoritarismos cruéis, mortais, dobram por mim, por ti, por cada um de nós.

Lembrar Abril é, pois, recordar o povo ucraniano, irmanados todos numa humanidade que sofre e luta por um ideal perene – o da liberdade; os nossos actos são os nossos símbolos.

Para os representantes ucranianos aqui presentes fica, pois, uma palavra de solidariedade entre iguais.

A forma como o projeto surgiu e como este momento acontece permite-me aludir ao terceiro tema que este evento sublinha.

Falo-vos da importância da instituição militar.

Sem os militares, não existiria o 25 de Abril, sem os militares não teríamos uma Ucrânia que resiste à agressão e à barbárie; sem o dinamismo e a generosa disponibilidade dos militares não teríamos hoje, à nossa pequena escala, a presente exposição e a justa homenagem que a mesma encerra.

O Tribunal da Relação do Porto conta nos seus quadros com três juízes militares.

Nos termos da Lei 101/2003, no seu artigo 12º, a figura de juiz militar da Relação encontra-se reservada aos contra-almirantes e maiores-generais dos três ramos das Forças Armadas ou da GNR.

Neste momento, prestam funções nas nossas 1ª e 4ª Seções Judiciais, o Exmo. Sr. Contra-Almirante Valentim Rodrigues (Marinha) e os Exmos. Srs. Majoeres-Generais Dias Gonçalves (Exército) e José Santiago (Força Aérea). Como Presidente tive ainda oportunidade de trabalhar anteriormente com o Srs. Majoeres-Generais Rui Elvas (Força Aérea) e António Rosa (Exército) bem como com o Contra-Almirante Sílvia Ramalheira, do ramo da Marinha.

Com todos muito aprendi, e aprendo, num diálogo permanente e profícuo; a magistratura judicial engrandece-se graças à proximidade com estes altos representantes das Forças Armadas, testemunhando o permanente espírito de serviço e apego incondicional à causa pública, apanágio desta instituição. Discretos, mas presentes; atentos, disponíveis, fatores ativos da união e do espírito de grupo necessários a quem trabalha numa área tão sensível. Nós, juízes, lidamos diariamente com os dramas pessoais, únicos, que cada processo, em particular na área criminal, envolve, num desgaste emocional permanente para quem, em nome do povo, é chamado a decidir da liberdade alheia.

Por isso, na vossa presença, com o saber adquirido no exercício destas funções, fica o testemunho público da necessidade de defender e prestigiar os diferentes ramos das instituições militares.

Sei bem, Srs. Juízes Militares, caríssimos Amigos, que o vosso pundonor, dignidade e brio não depende de qualquer reconhecimento, louvor ou elogio; prosseguirão sempre com o mesmo espírito de missão; mas também sei que estas palavras devem ser ditas para que sejam escutadas.

A Revolução dos Cravos, a solidariedade com o povo ucraniano (Slava Ukraini) e a homenagem aos nossos militares, formam os três apontamentos já partilhados.

Os dois últimos reportam-se ao 40º aniversário do Grupo Coral da Justiça.

Alexis Tocqueville explica como as sociedades modernas tendem a alienar as pessoas do interesse coletivo, forjando egoísmos individuais ou de grupo; isto facilita o aparecimento das tiranias. Numa argumentação paralela, Habermas destaca que o núcleo fundamental da sociedade civil reside, precisamente, nas organizações não estatais e não económicas, assumidamente voluntárias e que fundam as estruturas comunicativas do espaço público.

Juntarmo-nos em projetos como o do Grupo Coral da Justiça - o qual aceita de bom grado novos elementos que a ele se queiram juntar - reforça laços essenciais de confiança fora da nossa “zona de conforto”, da família, dos amigos, e torna mais apelativo o ideal democrático, assente no governo participativo.

Por força dos meus compromissos internacionais na defesa do Estado de Direito em países como a Polónia, recolhi recentemente um ensinamento real, vivido. É minha profunda convicção que as organizações culturais e profissionais são decisivas na afirmação da democracia liberal; a pujança do compromisso cívico, de cidadania, na Polónia explica como, recentemente, foi possível ultrapassar a tentação totalitária de controlo do poder judicial ao passo que o amorfismo de uma ainda anémica sociedade húngara vem retardando tais avanços.

Não será, seguramente, agradável para regimes totalitários deparar-se com sociedades civis dinâmicas e informadas, sustentadas por organizações fluídas, orgânicas, livres que, nomeadamente, graças à música, apuram os nossos gostos e aprimoram a nossa sensibilidade; é muito por esta via que as tiranias definham e morrem.

50 músicos amadores, 40 anos de história – muito para celebrar no concerto anunciado.

A minha última nota da mão cheia de que vos falava será de dedo em riste, o indicador.

Apontando aqueles que tornaram possível estarmos hoje aqui com uma palavra redonda e única, anexada: Obrigado.

Obrigado ao Contra-almirante Valentim Rodrigues, mentor-mor da exposição que inauguramos, e ao ilustre palestrante Dr. Paulo Jorge Estrela.

Obrigado ao Dr. Marco Lacomblez, diretor do Grupo Coral da Justiça, pelo seu empenho e compromisso na organização deste concerto comemorativo; na sua pessoa, deixo igualmente o agradecimento a todos e cada um dos membros do grupo coral.

Oficiais de justiça, juízes, procuradores, advogados, notários, solicitadores e conservadores, todos presentes e iguais, irmanados na paixão pela música, unidos naquilo que, por ser essencial, liberta a vida e a faz florir.

Deixo-vos com a beleza das palavras de Ana Lúcia Amaral, poeta maior do Porto, numa carta/poema à sua filha:

A vida, minha filha, pode ser  
de metáfora outra: uma língua de fogo;  
uma camisa branca da cor do pesadelo.  
Mas também esse bolbo que me deste,  
e que agora floriu, passado um ano.  
Porque houve terra, alguma água leve,  
e uma varanda a libertar-lhe os passos.

José Igreja Matos

27/06/2024